



A BRINCADEIRA NA VOZ DAS CRIANÇAS: AFINAL O BRINCAR TEM IDENTIDADE DE GÊNERO?¹

Play in the voice of children: does play have a gender identity?

Leonardo Felipe DUARTE

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Brasil
duarte.leonardo@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0003-4161-3009> 

Josiane Peres GONÇALVES

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Brasil
josiane.peres@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-7005-849X> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A brincadeira é a atividade dominante da criança, sendo um importante recurso para o processo de apropriação, aculturação e implementação das significações sociais. O objetivo deste estudo está em analisar a perspectiva das crianças se no brincar a identidade de gênero importa. Para isso empreendeu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa utilizando como instrumento a entrevista com grupo de sete crianças de 4 a 5 anos matriculadas na educação infantil. Os materiais para entrevista foram uma narrativa lúdica que possibilitou aos/as participantes ingressarem facilmente no processo. A análise dos resultados foi feita por meio dos núcleos de significação. Os resultados apontam para uma tensão existente das fronteiras de gênero. Foi possível verificar que, mesmo que não sejam sempre articuladas de forma direta, elas contêm elementos das suas vivências e sentimentos que foram retratados nesta investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Brincadeira. Crianças. Gênero. Teoria Histórico-cultural.

ABSTRACT

Play is the dominant activity of children, being an important resource for the process of appropriation, acculturation, and implementation of social meanings. The objective of this study is to analyze children's perspectives on whether gender identity matters in play. To this end, a qualitative research approach was undertaken using interviews with a group of seven children aged 4 to 5 years enrolled in early childhood education. The interview materials consisted of a playful narrative that allowed participants to easily engage in the process. The analysis of the results was carried out through the analysis of core meanings. The results point to an existing tension regarding gender boundaries. It was possible to verify that even if they are not always directly articulated, they contain elements of their experiences and feelings that were portrayed in this investigation.

KEYWORDS: Play. Children. Gender. Cultural historical theory.

¹ Trata-se de um recorte de uma tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em educação em 29 de setembro de 2025.

INTRODUÇÃO

Sabendo da existência das diferenças de gênero e como elas são fatores importantes para a apropriação das significações e do estabelecimento das relações sociais de trabalho a concepção de significado vem das relações estabelecidas ao longo do tempo e que as caracterizaram por meio da linguagem humana.

O sujeito é, para a teoria histórico-cultural, um produto da sociedade cuja cultura é apropriada por meio das interações sociais. O sujeito passa a ser humanizado à medida que se apropria dos conhecimentos históricos, culturais e sociais. As características de gênero e as relações de trabalho na sociedade são apropriadas pelos sujeitos por meio dos valores que estão presentes na sociedade (Urt; Vital, 2018).

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só se apropriando delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (Leontiev, 2010, p. 301).

A brincadeira é uma forma, pois por meio dela as crianças se apropriam dos fenômenos sociais, isto é, por meio das ações do brincar elas potencializam suas características e apropriam-se das funções de cada papel social que será exercido (Teixeira; Barca, 2019). As ações que são desenvolvidas no meio social são internalizadas e à medida que a criança brinca, vai atribuindo significações como é o caso das questões de gênero (Urt; Vital, 2018).

Partindo desse pressuposto, indaga-se: como as crianças compreendem a brincadeira? Para elas a identidade de gênero é um aspecto importante no brincar? Por isso, o objetivo desta investigação é analisar a perspectiva das crianças se no brincar a identidade de gênero importa.

Para Vigotski (2005), a brincadeira possibilita que a criança atue além de seu comportamento imediato, criando cenários imaginários nas quais ela assume os papéis sociais e internaliza normas, valores e símbolos presentes em seu contexto sociocultural. Entre esses elementos, destacam-se os papéis e as significações de gênero, que são construídos socialmente e mediados pelas interações com os mais experientes.

Nessa perspectiva, a identidade de gênero, enquanto construção social, importa no brincar, não como fator determinado pelo biológico, mas como uma construção histórica e social que se manifesta nas experiências lúdicas. Conforme Leontiev (2010),

a atividade humana é sempre orientada por fatores que são socialmente produzidos, e o brincar permite que a criança experimente diferentes formas de ser e agir no mundo. Assim, ao brincar, a criança não apenas dá significado modelos de gênero, mas também os ressignifica, amplia e transforma, a depender das mediações realizadas pelo meio social, por outras crianças mais experientes e pelos adultos.

Justifica-se essa pesquisa, uma vez que o jogo de papéis sociais é fundamental para o desenvolvimento da personalidade infantil, já que ele possibilita à criança compreender as relações sociais para além de sua vivência imediata (Elkonin, 2009). De acordo com Duarte (2025), quando o brincar é restringido por estereótipos rígidos de gênero, limita-se o acesso da criança a determinadas experiências culturais, comprometendo o desenvolvimento da imaginação, da autonomia e das funções psicológicas superiores.

Este artigo está estruturado em partes e foi dividido em cinco seções, sendo a introdução, a fundamentação teórica, a metodologia, os resultados e as considerações finais.

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Diante das diversas perspectivas já adotadas sobre o conceito e a abordagem de gênero, Scott (1998), sob a direção de estudos marxistas destaca que o gênero é um modo de organização social, sendo a palavra usada para conceituar os papéis sociais de um determinado grupo dentro de um contexto histórico.

Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (Scott, 1998, p. 15).

Duarte, Duarte e Martins (2023), também, entendem o gênero como a identidade que se vincula à ideia de algo que é aprendido nos espaços sociais e culturais e não relacionado com as características biológicas. Esse conceito está dentro da perspectiva da teoria histórico-cultural que entende que o sujeito se apropria dos aspectos sociais por meio do outro mais experiente. Essa apropriação acontece por meio de uma relação dialética.

Nós não nascemos mulheres, nós nos tornamos mulheres, o mesmo se pode dizer dos homens. Isso implica, portanto, analisar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que produzem e/ou educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, sobretudo se quisermos investir em

possibilidades de propor intervenções que permitam modificar, minimamente, as relações de poder de gênero vigentes na sociedade em que vivemos (Louro; Felipe; Goellner, 2013, p. 20).

Para a teoria marxista, representada nos estudos de Finco (2007), a constituição do sujeito e a atribuição da identidade de gênero são determinadas pelas relações que mantêm a ideia de que cada qual deve cumprir sua função social de acordo com suas características biológicas. Em sua estrutura social, o poder está relacionado ao sujeito que desde a sua infância aprende e transmite aos demais. Meninos e meninas aprendem de maneiras diferentes as suas performances de ser socialmente.

Para o menino, esse processo se dá [...] na atribuição de tarefas dinâmicas e extrovertidas e, principalmente, com a privação da afetividade, não lhe sendo permitido, por exemplo, expressar-se pelo choro. A masculinidade está calcada, basicamente, na coragem física, no trabalho, na perseverança, na competitividade e no sucesso, elementos entendidos como os mais importantes para a constituição da masculinidade considerada hegemônica: a coragem, diretamente relacionada à força física, à energia, à ousadia, à virilidade (Finco, 2007, p. 105).

O processo de conservação dos sistemas de valores que vêm a ser **originado** das estruturas sociais e históricas das sociedades de classes **que** utilizam os modos de produção e a força de trabalho feminina como meio de produção do capital, empregado na condição das mulheres que estavam presentes por meio das contradições próprias das “formações sociais anteriores e contradições típicas do modo capitalista de produção” (Saffioti, 2013, p. 108). Sendo assim, a masculinidade e a feminilidade são utilizadas pelo capital como formas de externalizar seus interesses. Saffioti (2015) nos ajuda a compreender que a ideia de feminilidade e masculinidade é um atributo social, construído ao longo da história, passando a ser compreendido como uma evidência e marca da sociedade patriarcal.

Entre homens e mulheres existem diferenças evidentes, no entanto, as concepções sobre gênero e as atribuições sociais são construções sociais, pois “desde a infância as crianças são separadas em dois polos, meninas e meninos” e esse dualismo ainda se apresenta “nos estudos voltados a essas temáticas” (Alves; Pastana; Marques, 2020, p.136).

Na sociedade, os debates de gênero se intensificaram por meio das ações sociais que se apresentam com diferenciações e uma delas é a utilização da brincadeira e dos brinquedos como forma de determinar as identidades de gênero (Saffioti, 2015).

A brincadeira entra como um importante recurso de apropriação cultural, pois é nela que a criança irá imitar a mãe, o pai ou qualquer outra figura de referência. A ideia de imitação é sobretudo, debatida na THC como uma forma de o sujeito inserir-se na cultura. As suas figuras são os adultos, pois ela imagina-se no brincar sendo adulto,

além do que o adulto colabora e muito no brincar, uma vez que segundo Vigotski (2009, p.22) “a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto”, isso por conta das apropriações já feitas pelo adulto que é mais experiente que a criança. As famílias gostam quando as crianças escolhem brinquedos relacionados a sua identidade de gênero, pois isso demonstra que a perpetuação desses aspectos continua naquele ciclo familiar.

As meninas têm maior liberdade. Assim como as meninas molecas são mais aceitáveis para a maioria dos pais do que os filhos efeminados, os pais não ficam chateados se veem a filha brincando com carrinhos de corrida ou jogando basquete. No entanto, é surpreendente como continuam promovendo estereótipos por suas reações ao brincar infantil, especialmente se pensarmos quantas coisas as crianças podem aprender em brincadeiras tradicionais masculinas e femininas (Eliot, 2013, p. 135).

Louro (2018) aponta que a sociedade precisa conhecer mais sobre as questões de gênero, pois é necessário haver um processo de desvinculação entre o sexo do sujeito e as atribuições sociais dadas a ele. Diferentes sociedades dão significados diferentes às funções sociais e às formas de vivenciar a masculinidade e a feminilidade. Pino (2005) argumenta que as práticas vivenciadas em sociedade constituem os sujeitos que as apropriam e a elas dão os seus significados, já que o outro passa a ser uma referência social.

A polarização e a sexualidade marcam a constituição da identidade de gênero, pois ao desempenharem as tarefas desenvolvem-se as características de determinado gênero podendo essa atividade ser valorizada ou desvalorizada. No entanto, quando a imposição acontece, a pessoa perceberá que existem ações que são aceitas e outras que não.

Sendo assim, quando empregarmos, neste trabalho, o termo gênero, não nos referimos às questões de sexualidade, mas às de identidade social do sujeito e às atribuições dadas pelas relações sociais. Afirmamos com base em Duarte, Martins e Gimenez (2024) que quando acontece a brincadeira, a criança se apropria das questões de gênero no brincar e que esses aspectos são capazes de influenciar as significações do sujeito no decorrer de sua constituição social.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa que, segundo Flick (2009), é um tipo de pesquisa que visa apreender as subjetividades dos fenômenos sociais. A

justificativa de empreender tal abordagem está na intenção da pesquisa, que visa conhecer e analisar aspectos da subjetividade infantil.

Evidencia-se que essa abordagem busca analisar e interpretar aspectos mais profundos por meio da descrição da complexidade das relações humanas das quais análises mais detalhadas analisam as atitudes e tendências de comportamento.

O referencial teórico adotado é da teoria histórico-cultural, alinhada aos princípios marxistas para auxiliar nos processos de fundamentação².

A pesquisa foi realizada no município de Praia Grande-SP, a sala em que a pesquisa foi realizada era composta de 14 crianças que participaram da pesquisa, mas por esse artigo ser um recorte de um dos núcleos de significação, foram utilizados os depoimentos de apenas sete crianças e não do grupo total de crianças. Essas crianças tinham entre 4 e 5 anos, atendidos por um docente homem da rede municipal.

O instrumento investigativo utilizado para o levantamento de dados foi a entrevista em grupo. Essa opção se deu porque, conforme os pressupostos de Aguiar e Ozella (2013), há a recomendação do uso de entrevista para que seja realizada uma investigação dentro da abordagem sócio-histórica, pois a consideram “[...] um instrumento rico que permite acesso aos processos psíquicos que nos interessam, particularmente os sentidos e os significados.” (Aguiar; Ozella, 2013, p. 308).

A entrevista com o grupo de crianças aconteceu de forma presencial, na sala de aula, no dia 29 de novembro de 2024 e durou cerca de 20 minutos para conto de narrativa lúdica e 30 minutos o momento de entrevista com as crianças. Em todos os momentos do processo de pesquisa, o professor ficou acompanhando a turma no fundo da sala, mas não interveio em nenhum momento.

É importante ressaltar que o pesquisador elaborou uma narrativa lúdica para introduzir a temática para as crianças. Furlanetto, Passeggi e Biasoli (2020) atestam que a narrativa lúdica é uma forma de contar histórias às crianças com a intenção de apreender delas suas expectativas a respeito, o que, em uma pesquisa com crianças, é essencial para que elas possam expressar seus sentimentos. O processo foi gravado por meio de áudio para facilitar o processo de transcrição das entrevistas.

Este trabalho teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) sob o CAAE: 74002523.8.0000.0021, da qual este trabalho segue todos os princípios éticos para preservação do anonimato, confidencialidade e manutenção do sigilo das pessoas envolvidas na pesquisa. Os nomes das crianças e do docente são

² Utilizaremos outros autores da área da educação, empregando seus conceitos, mas buscando estratégias de alinhar ao eixo central do trabalho que são os estudos históricos e dialéticos.

fictícios, a fim de preservar a identidade das/os participantes. De acordo com Kramer (2002) é fundamental adotar cuidados específicos nesse tipo de pesquisa, especialmente no que se refere aos procedimentos e às precauções éticas.

Antes do início do processo, foi solicitado à secretaria municipal da educação a autorização e indicação de uma escola de educação infantil que contasse com um professor homem, como regente. Após o contato com a instituição, fornecemos ao seu diretor um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e ao professor regente da turma. Também foi obtido o consentimento dos pais/responsáveis das crianças, por meio do TCLE, no qual constava o objetivo, metodologia e roteiro de observação, narrativa lúdica e entrevista com as crianças, em reunião, ocasião em que os pesquisadores explicaram detalhadamente todas as etapas.

A análise dos depoimentos produzidas na entrevista em grupo foi realizada por meio do procedimento dos núcleos de significação, que visa ser uma possibilidade dialética de análise da produção de conhecimento relacionado aos sentidos e significados (Aguiar; Ozella, 2006).

Os núcleos de significação, de acordo com Aguiar e Ozella (2006), caracterizam-se por ser um entrelaçamento dos sentidos e significados, sendo o primeiro o processo que é de caráter subjetivo e individual, e inicia-se a partir do contexto e da vivência pessoal do sujeito. O contexto foi levado em consideração, uma vez que o pesquisador se apropriou do espaço através de imersão no campo, fazendo anotações em seu diário de bordo, e aprofundando de acordo com suas percepções as significações das crianças.

Já o significado está relacionado com aquilo que é historicamente construído, objetivado no mundo que é por sua vez socialmente construído e compartilhado. O significado dos termos é aquilo pode ser encontrado nos dicionários e permitem a comunicação entre os/as participantes.

Para elucidar a diferença entre as duas categorias, observa-se o seguinte exemplo: a palavra casa estará descrita no dicionário como construção utilizada para moradia (significado), mas se questionada uma pessoa de baixa ou alta renda, um morador de rua ou alguém do Movimento sem Terra, “casa” terá um sentido diferente, pois a forma de relação com o objeto “casa” é singular a cada indivíduo (Bativa, 2024, p. 45).

Nas palavras de Aguiar, Aranha e Soares (2021, p. 3), o “[...] termo ‘significação’ é utilizado no intuito de expressar a articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias”. E sendo essa análise um

processo contínuo de mútua constituição entre significado e sentido as significações, ela carrega em si

[...] essa rica movimentação, cheia de sentidos e significados, de determinações históricas subjetivadas-objetivadas pelos sujeitos. Estas sim, as significações das palavras, são nossa unidade de análise, rompendo com dicotomias e possibilitando revelar uma “outra face da lua” muito mais complexa e preñhe de informações (Magalhães, 2021, p. 251).

A significação é compreendida a luz de Magalhães (2021) como determinada pelos aspectos históricos e propenso a unidades de análise, o que possibilita o revelar da complexa teia de informações que contidas no diálogo. Neste trabalho utilizamos um dos núcleos de significação que foi: “A brincadeira de meninos e meninas”.

A BRINCADEIRA DE MENINA E DE MENINOS

As fronteiras de gênero são uma temática proposta por Buss-Simão (2013) que compreende que é uma ideia relacionada à divisão sexual entre as atividades desempenhadas por homens e mulheres na sociedade. Tratando-se de educação infantil, a autora identifica que essas propostas na creche pouco acontecem, o que também confirmamos no campo em que foi empreendida essa investida conforme destacam os seguintes dados:

A gente quando brinca junto acaba sendo mais legal, as vezes acontece de todo mundo brincar separado, eu brinco com as minhas amigas, eu gosto mais delas, brincar com as meninas é mais legal, os meninos acabam sendo bem chatos. Eu gosto de brincar de Barbie, sempre que o professor deixa a gente brinca na sala **(Livia, 4 anos)**.

A fala de Livia reflete as fronteiras propostas por Buss-Simão (2013) como sendo algo raro de acontecer. Entende-se que, por mais que os professores proponham atividades que juntem as crianças, as mesmas acabam se aglomerando em seus respectivos grupos de afinidades. Mesmo assim a fala de Livia não reflete a maioria dos dados coletados:

[...] eu brinco com todos os meus amigos, até as meninas elas são bem legais, uma vez a gente brincou de lutinha a Ana me derrubou **(Arthur, 5 anos)**.

Ontem eu brinquei com o Lucas, ele foi o meu filho na brincadeira, me obedeceu bem bonitinho **(Valentina, 5 anos)**.

Os meninos brincam com a gente e a gente com eles **(Ana, 5 anos)**.

Essas falas reforçam a ideia de que essa linha tênue entre os gêneros existe, mas que podem ser rompidas por meio de práticas que busquem mediar os conflitos.

Valentina (5 anos) se recorda que *"O professor Felipe, uma vez que a gente brigou, fez todo mundo fazer as pazes, mas os meninos também brigam muito, porque eles só querem mandar na gente"*.

A fala da criança complementa a proposta de Duarte, Martins e Gimenez (2024) que entende que o professor deve ser o mediador ao possibilitar que as crianças encontrem estratégias ricas para a convivência mútua.

Entende-se que as relações sociais estabelecidas entre a criança e seus amigos no cotidiano da educação infantil estão dentro da ideia de "posicionamento", entendido como a forma de ser (Buss-Simão, 2013); ou seja, para descrever o gênero é fundamental a compreensão de que os modos possíveis das crianças construir e assumirem os seus papéis de gênero não são apropriadas apenas dos aspectos biológicos e inatos, mas advêm de uma inerência social e material, do confronto, do jogo e dinâmicas trabalhadas nas instituições, possibilitando a constituição infantil. Elkonin (2009) destaca que as ações da brincadeira advêm do cultural manifestando-se tanto no nível macro, com a sociogênese, quanto em nível individual, na microgênese. Sem esse aspecto a brincadeira enquanto atividade principal da criança seria uma ação sem significação. **Livia (4 anos)** afirma que *"Eu gosto de ser menina, gostaria muito de ter uma professora menina igual eu, mas eu amo muito meu professor mesmo ele sendo menino, eu não gosto muito deles, eles são metidos"*.

A fala da criança reflete a sua visão a respeito da masculinidade, generalizando a mesma por meio das ações de seus colegas ou de ações de meninos que ela não gostou. De acordo com Vigostki (2008) o processo de desenvolvimento não ocorre isoladamente, tão pouco na relação apenas com um adulto, mas surge por meio das relações mediadas socialmente. As interações entre os pares desempenham um papel essencial na produção dos significados e na internalização das práticas culturais que moldam a constituição das funções superiores da criança.

Assim, gênero se torna uma categoria profícua para ser analisada do ponto de vista das crianças, ou seja, na dinâmica do processo vivido por elas. Na observação das relações sociais estabelecidas no grupo de crianças com o qual realizei esta pesquisa, o objetivo era entender "como" esse processo é vivido por elas, quais seus efeitos e, sobretudo, como as crianças se utilizam desses conhecimentos nas interações e relações sociais estabelecidas com seus pares e com os adultos (Buss-Simão, 2013, p. 182).

Valentina ressalta um elemento importante em uma das brincadeiras: *"[...] uma vez o Arthur pegou meu gloss e você acredita que ele ficou chupando igual um pirulito, eu bati nele e peguei de volta"* (**Valentina, 5 anos**).

A fala da criança aponta para um elemento considerado, socialmente, feminino que é o *gloss* ou batom. Vemos na fala dela os padrões da heteronormatividade que não representaram a mesma percepção de Arthur que viu o objeto como um “alimento” e quis experimentar seu gosto. A significação atribuída pela criança apresenta aspectos relacionados a exacerbação do feminino e pode estar associada a busca por pertencimento e reconhecimento de seu grupo.

Há ainda outro elemento que é a erotização, não se pode compreender como uma significação própria da criança, mas de sentidos culturais atribuídos ao corpo feminino os quais, certamente, foram apropriados pela criança.

A estereotipação advém das aprendizagens sociais apropriadas pela criança mediante sua inserção social, entendendo que existem objetos próprios de cada gênero. “[...] *ah, o professor Felipe acabou brigando com ele por que ele pegou meu gloss, mas ele também brigou comigo, por que ele disse que eu não poderia ter batido nele, mas ele pegou meu gloss*” **(Valentina 5 anos)**.

A visão desta menina mostra aquilo que ela acredita enquanto papel social masculino e feminino e aponta a maneira como é a sua compreensão do papel de Arthur ao utilizar o *gloss*, reforçando a ideia de que aquele objeto é feminino. Nesse viés, Valentina afirma: “Mas aquilo é coisa de menina”. Entendemos que, entre as crianças, estabelece-se um processo de vigilância mútua, pois aquele “que porventura se comporte de um modo ‘suspeito’, [...] exercitando uma constante vigilância sobre si, para reafirmar a identidade masculina tida como hegemônica” (Felipe, 2013, p. 83).

Todavia, a vigilância não é mantida sempre, já que esse processo de construção a respeito do que se entende por “noção do posicionamento” social implica na ideia de que pertencer a um determinado gênero é permeado por contradições em que, às vezes, as crianças atualizam e acabam por reproduzem e acentuar esses mesmos estereótipos (Duarte; Martins; Gimenez, 2024).

Ana disse, argumentando contra a fala e Valentina, “*mas o que tem ele passar o seu gloss, as vezes ele gosta e não tem nada a ver*” **(Ana 5 anos)**. Essa fala da menina corrobora com o que destacou Le Breton (2006, p. 65) ao afirmar que: “A Sociologia do Corpo aponta a importância da relação com o outro na formação da corporeidade; constata de forma irrestrita a influência dos pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo”.

Quando tratamos dos estereótipos que definem as diferenças entre os gêneros, é importante destacar que se referem a atributos que se constituem nas relações estabelecidas entre o sujeito e seu corpo. “As crianças não somente aprendem essas

diferenças “ensinadas”, mas lidam com elas de forma que, em alguns momentos, as legitimam e em outros as subvertem” (Buss-Simão, 2013, p. 186).

O professor Felipe sempre deixa a gente brincar do que a gente quer (**Arthur, 5 anos**)

Na brincadeira da gente eu sempre brinco com as meninas e isso é normal, eu até prefiro, as vezes tenho muitas amigas, a Livia e a Valentina gosto muito delas (**Lucas, 4 anos**)

Eu brinco com os meninos sim, eu gosto deles e a gente tem que gostar de brincar com todo mundo e isso o professor Felipe sempre fala para a gente (**Isadora, 5 anos**).

A fala das três crianças demonstra a ideia de que a constituição de masculinidade e de feminilidade dentre eles é forte, mas destoando do padrão social. O professor tende, de acordo com o depoimento das crianças, a propor ações que favorecem o estabelecimento da comunicação entre todos os sujeitos, independentes de seu gênero.

Entendemos por meio dessa seção que a constituição e o entendimento das categorias de masculino e feminino são fundamentais para os processos de construção da identidade da criança, possibilitando compreender a visão tradicional que as crianças detêm a respeito dessas categorias. A literatura de Pino (2005) aponta que, ao longo do tempo, vamos nos constituindo homens e mulheres e que ao longo desse processo a criança apropria-se dos modos de ser social. Portanto, as significações analisadas aqui compreendem a dimensão de que as crianças entendem as diferenças de gênero feminino e masculino, mas que essas fronteiras são rompidas por meio de ações do docente que visa mediar os conflitos unindo as crianças por meio do brincar que é para Vigotski (2008) um elemento de aprendizagem da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta investigação foi o de analisar a perspectiva das crianças se no brincar a identidade de gênero importa. Para isso, empreendeu-se uma pesquisa do tipo qualitativa com entrevistas com um grupo de crianças.

O referencial teórico apontou que as concepções de gênero dizem respeito a maneira como as pessoas e a sociedade entendem, as experimentam e dão significações as categorias de masculino e feminino. Essas ideias incluem normas, papéis e comportamentos de cada gênero que deve assumir, por meio da construção das identidades de gênero ao longo do tempo. Essas concepções permitem que as pessoas

se identifiquem e que sejam classificadas, vigiadas e por meio da influência de como veem a si mesmas, passem a vigiar os demais.

Entendemos, por meio dos resultados, que a socialização de gênero permeia a articulação de diversos processos coletivos que possuem como intenção formar sujeitos que manifestam características performáticas, que não são uniformes, mas que estejam relacionadas ao gênero dentro do contexto social e cultural. Na articulação desses aspectos, a socialização das crianças acontece de forma ativa, em que as crianças interagem com os adultos e com seus pares.

Observa-se que a visão das crianças a respeito da identidade de gênero nas brincadeiras. Percebeu-se, com base nos resultados alinhados à literatura, que as crianças possuem em suas vivências apropriações culturais sobre a identidade de gênero.

Observa-se que alguns aspectos apropriados socialmente continuam influenciando as percepções dos papéis de masculinos e femininos, por exemplo, ao acharem engraçado um amigo usando o *gloss*, as crianças entendem isso como sendo algo próprio do feminino, não podendo o homem utilizar tais materiais. Mesmo o professor intervindo na situação, conforme narrativa da criança, não houve repressão de gênero para com a criança que utilizou o *gloss*.

Diante das narrativas que as crianças realizaram no decorrer dessa pesquisa, verificou-se que mesmo que não sejam sempre articuladas de forma direta, as mesmas contêm elementos das suas vivências e sentimentos que foram retratados na medida do possível em que o pesquisador estimulou a resposta das crianças. A maneira como as crianças trazem suas significações sobre suas interações com o professor e a forma de como retratam alguns momentos, sempre entusiasmadas, apontam para a ideia de aceitação da sua presença como professor desta etapa. A pesquisa destaca-se como relevante, uma vez que deu importância ao ouvir as vozes das crianças, reconhecendo esses sujeitos como ativos na construção do conhecimento de suas experiências na educação infantil.

Destacamos que nesse estudo estão alguns pontos da subjetividade utilizados frequentemente pelas crianças como gestos, expressões faciais e diferentes posturas corporais que visam comunicar sua visão. Essas expressões que são não verbais são fundamentais para que seja entendido como as crianças se sentem em relação a diferentes interações que são estabelecidas no ambiente escolar.

Durante as brincadeiras e atividades lúdicas, percebe-se que existe um momento favorável para expressão da subjetividade infantil, já que a atividade da brincadeira se apresenta como dominante para a criança, sendo nessa atividade aquilo que a THC

denomina de brincadeira de papéis no qual a criança imita o mundo adulto no brincar. Essas relações foram se estabelecendo do ponto de vista que as crianças investigadas ao consolidarem suas práticas por meio da brincadeira entenderam a dimensão da figura do ser docente como aquele que medeia e ensina as crianças.

Dentro da educação infantil, reforça-se que existe a necessidade de uma maior diversidade de gênero no corpo docente, mesmo assim, aponta-se que esse processo desafia estereótipos que foram construídos historicamente ao longo da consolidação da educação infantil no qual mostrou-se a dominação do feminino simplesmente por associação da falsa ideia de que a mulher é mais apta ao cuidado do que o homem. Ao trazer à tona o que foi percebido pelas crianças sobre a presença masculina, o estudo auxilia na discussão sobre a importância de existir diferentes modelos na formação da identidade da criança.

Não buscamos responder todos os aspectos da visão infantil nesta pesquisa, e consideramos importante que diferentes perspectivas explorem a temática, pois ainda encontramos lacunas nesta pesquisa que foram expostas ao longo do texto e que valem apenas que diferentes setores de pesquisa possam realizar a exploração. Outras pesquisas podem ser realizadas visando compreender esse processo interventivo dos docentes para com as crianças que já foi sinalizado por Duarte, Martins e Gimenez (2024) e que estamos sinalizando novamente neste estudo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; ARANHA, Elvira Maria Godinho; SOARES, Júlio Ribeiro. Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, p. e07305, 2021.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006.

ALVES, Hildineia; PASTANA, Marcela; MARQUES, Antônio Francisco. Gênero e educação infantil: entre princesas e príncipes há crianças que brincam e sonham. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 7, n. 14, p. 129-147, jan./jun. 2020.

BATIVA, Matheus dos Santos. **Quem são os professores da educação infantil?:** significações de professores sobre as relações de trabalho e gênero. 216 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Taubaté, Departamento de Pesquisa e Pós-graduação, 2024.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p.176-197 jan./abr. 2013.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro; GIMENEZ, Roberto. Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 27, n. 51, p. 1–22, 2024.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro. Docência masculina na educação infantil: será esse um espaço somente de mulheres?. **Dialogia**, [S. l.], n. 43, p. e23762, 2023.

DUARTE, Leonardo Felipe. **Docência e gênero na educação infantil**: o que pensam as crianças da rede pública de ensino sobre ter um professor homem. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Campo Grande, 165 f. 2025.

ELIOT, Lise. **Cérebro Azul ou Rosa**: o impacto das diferenças de gênero na educação. Porto Alegre: Penso, 2013.

ELKONIN, Daniil. **Psicologia do Jogo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 447 p. Tradução de Álvaro Cabral. 2009.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (org.). **Corpo, gênero, sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FINCO, Daniela. A Educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas**: falares e saberes. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURLANETTO, Ecleide; PASSEGGI, Maria da Conceição; BIASOLI, Karina. **Infâncias, crianças e narrativas da escola**. Curitiba: CRV, 2020. 132 p.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41–59, jul. 2002.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero sexualidade e educação**: uma Perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. – Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente – Revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 62–70, 2018.

MAGALHÃES, Luciana de Oliveira Rocha. **A dimensão subjetiva dos processos de inclusão escolar no movimento da pesquisa-trans-formação**. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. São Paulo. 2021.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005. 303 p.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes**: mito e realidade. 3a edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Ano 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1998.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; BARCA, Ana Paula de Araújo. O professor na perspectiva de Vigotski: uma concepção para orientar a formação de professores. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, v. 24, n. 1, 2019.

URT, Sonia; VITAL, Soraya. Constituição docente na educação integral: um olhar a partir da teoria da atividade. **Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem**. III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul. [S. l.], v. 1, n. 1, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista GIS**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 23-36, jun. 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009. Tradução: Zoia Prestes.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A BRINCADEIRA NA VOZ DAS CRIANÇAS: AFINAL O BRINCAR TEM IDENTIDADE DE GÊNERO?

Play in the voice of children: does play have a gender identity?

Leonardo Felipe Duarte

Doutor em Educação
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Brasil
duarte.leonardo@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0003-4161-3009> 

Josiane Peres Gonçalves

Pós-doutorado em Educação
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, Brasil
josiane.peres@ufms.br
<https://orcid.org/0000-0002-7005-849X> 

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Av. Costa e Silva, s/nº, Bairro Universitário, Campo Grande, MS, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos de modo especial, à Prefeitura municipal de Praia Grande-SP, pela possibilidade de realização da pesquisa. Agradecemos às famílias pela colaboração e participação das crianças que compuseram este estudo. Por fim, agradecemos ao professor pela oportunidade de entender o contexto da turma da qual era regente.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. F. Duarte; J. P. Gonçalves

Coleta de dados: L. F. Duarte

Análise de dados: L. F. Duarte; J. P. Gonçalves

Discussão dos resultados: L. F. Duarte; J. P. Gonçalves

Revisão e aprovação: L. F. Duarte; J. P. Gonçalves

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Este trabalho teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) sob o CAAE: 74002523.8.0000.0021, em 29/09/2023, da qual este trabalho segue todos os princípios éticos para preservação do anonimato, confidencialidade e manutenção do sigilo das pessoas envolvidas na pesquisa.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir

contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 14-01-2026 – Aprovado em: 02-05-2026 - Publicado em: 20-08-2026